

Sua Excelência Senhor Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Excelentíssimo Senhor Governador do Banco de Portugal Dr. Carlos Costa

Senhor Vice Presidente, Presidente da Comissão da Organização deste Congresso, Colega José Rodrigues de Jesus

Senhores convidados

Caros Colegas

Não se ASSUSTEM, pois não irei fazer novo discurso, serei muito, muito breve, até por respeito pelos distintos membros da mesa que nos concederam a grande honra de encerrar o presente Congresso, acrescentando a isso o particular sacrifício do Senhor Presidente da República, hoje em viagem, mesmo sabendo eu, e espero não estar a cometer nenhuma indiscrição ao afirmá-lo, que pertence ao clube daqueles que consideram que “dormir é um desperdício de tempo”, pois o certo é que algum descanso é fundamental para o nosso equilíbrio.

Não quero deixar passar esta oportunidade de manifestar a todos os colegas um enorme apreço pela fantástica adesão a este Congresso, não podemos esquecer que somos pouco mais de mil membros mas tivemos uma adesão que superou as 600 inscrições, e onde nos brindaram cerca de 32 oradores de grande excelência, com quem todos, incluindo eu, aprendemos muito, aliás, vou provar daqui a um bocadinho o que aprendi. Um muito obrigado a todos, é uma prova de coesão fantástica que tem um significado especial até porque, não só vivemos num período de bastante contenção financeira, como ainda fomos brindados nas duas primeiras semanas de setembro (ou seja, deste mês) com as famosas taxas de supervisão de auditoria, sobre as contas do ano de 2015, sobre as auditorias das contas de 2015, altura em que a supervisão era da responsabilidade do Conselho Nacional de Supervisão de Auditoria (CNSA).

Mas aqui estamos, seguidores das mensagens de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, vamos continuar no diálogo para procurar consensos, mesmo que eles não sejam fáceis. Aliás, o Sr. Governador do Banco de Portugal é testemunha de que sempre tivemos uma relação fantástica com o Banco de Portugal e frequentemente procuramos articular os nossos esforços para que realmente a confiança seja um grande baluarte nas nossas funções, quer na supervisão quer na auditoria. Acreditamos que a partilha, a cooperação, são geradoras de valor, são geradoras de força, são geradoras de desenvolvimento. São as pessoas, como falava há pouco o Professor Borges Gouveia, temos descurado a importância das pessoas, mas são as pessoas que nos diferenciam, não são as tecnologias, não são os computadores que existem iguais em todo o mundo, não são as salas, muitas vezes há a ideia de que ter uma sala bonita pode trazer fantásticos sucessos mas, se não forem as pessoas, não servem para nada. São as pessoas que nos diferenciam. Infelizmente, tem havido algum esquecimento das pessoas, temos que retomar, ao fim e ao cabo, a economia das pessoas. Temos provado que nós, revisores oficiais de contas, estamos por cá para contribuirmos de forma pró-ativa e positivamente para o êxito das entidades com quem colaboramos, para o crescimento e para o sucesso. Tive a sorte de ontem referir que nós vendemos um produto principal que é a

Confiança. A confiança foi particularmente mencionada em todos ou em quase todos os contributos que recebemos. Como ontem referi, somos um pilar de CONFIANÇA. Aproveitando, cá está uma prova de conhecimento que adquiri neste Congresso, aproveitando aqui duas fotografias, que achei muito simpáticas, apresentadas nas mensagens do Senhor Professor Borges Gouveia (ponte D. Luís no Porto) e do Senhor Juiz Conselheiro Dr. José Tavares (ponte 25 de Abril em Lisboa), noto que essas pontes não têm só um pilar, não teriam sustentabilidade. Nós somos um pilar de sustentabilidade, nós os revisores oficiais de contas, auditores externos, somos um pilar de sustentabilidade. Sozinhos não conseguimos a sustentabilidade, mas temos que ter a certeza que o nosso pilar é muito duro, isso é fundamental. Precisamos, contudo, que os outros pilares não se desmoronem, caso contrário, o nosso desmorona-se conjuntamente com os outros. Todos nós temos que criar condições para resistir aos terremotos que infelizmente tem havido, muitos nesta área das contas. Esperamos, como disse na minha mensagem de abertura, que aprendamos com os erros, a grande vantagem do erro ou de um problema é que tem sempre por traz grandes oportunidades, e as oportunidades de fazer melhor.

Aos colaboradores da Ordem não podia deixar de manifestar um profundo agradecimento pelo seu esforço e empenhada participação neste Congresso. Fizeram-no não por obrigação, mas com motivação, empenho, de boa vontade e com satisfação. Assim, conseguimos, pois são as pessoas que nos diferenciam das “coisas” porque a tecnologia imita-se, as instalações melhoram-se com alguma facilidade, mas a motivação e o empenho são mais difíceis de conquistar, mas são indubitavelmente mais geradores de valor.

Em particular à Comissão Organizadora deste Congresso presidida pelo incansável Colega José Rodrigues de Jesus a quem se deve, temos de reconhecer, o grande êxito deste Congresso que seguramente já tiveram oportunidade de comprovar nos dias de ontem e hoje. Não é preciso dizer-vos que não para um segundo, que põe aqui uma ordem fantástica nas mesas, o que permite um feito determinante, que nós portugueses normalmente não conseguimos, que é cumprir tempos. Desta vez conseguimos cumprir tempos e prazos o que é fantástico – ao meu amigo de longa data José Rodrigues de Jesus o meu e o nosso MUITO OBRIGADO. É uma forma de podermos pagar. Aprendi neste Congresso, com o professor Anselmo Borges, que na nossa vida não podemos servir em simultâneo o dinheiro e a Ordem, portanto não lhe podíamos dar dinheiro. Como tal, o meu muito obrigado por ter servido a Ordem.

Estando certo que este é o 2.º e último Congresso em que vos comunico como Bastonário, espero estar presente nos outros, não nesta condição, não queria deixar de expressar o meu grande reconhecimento a todos Vós, com a mesma moeda que usei há pouco para o José Rodrigues de Jesus, que é o meu muito, MUITO OBRIGADO.

José Azevedo Rodrigues